Como citar esse texto: POP, S. Representando a cidade invisível. **V!RUS**, São Carlos, n. 8, dezembro 2012. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus08/?sec=2&item=1&lang=pt>. Acesso em: dd mmm aaaa

V!RUS
revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175- 974X
CC BY-NC
RE:PRE:SENTAR
SEM 2 - 12

Representando a cidade invisível

Susa Pop

Susa Pop é diretora do Public Art Lab que ela fundou juntamento com Hans J. Wiegner em 2003. Ela realiza conferências em todo o mundo e workshops na área de mídias urbanas e é professora na University of Potsdam / European Media Science e no FH Potsdam / Arts Management and Cultural Work.

Antes da palestra "Fachadas multimídia: desafios e potencialidades", ocorrida no dia 4 de dezembro de 2012 no âmbito do SP Urban Digital Festival, em São Paulo, tivemos o prazer de realizar uma curta mas instigante entrevista com a diretora do *Berlin Public Art Lab* (hiperlink: http://www.publicartlab-berlin.de/), Susa Pop. Susa Pop interessa-se pela construção de comunidades através de projetos de arte em rede, especialmente através de *media facades*. Ela é curadora e produtora cultural, lida com tecnologias digitais em obras artísticas em espaços públicos, com atuação nas áreas de desenvolvimento urbano e economia. A revista V!RUS é grata a Susa Pop por esta entrevista.

V!8: Você poderia dizer-nos algo sobre o seu atual projeto *Connecting Cities*? (hiperlink: http://www.connectingcities.net/)

SP: Iniciamos a rede *Connecting Cities* com parceiros de doze cidades europeias além de Montreal e São Paulo, com dois objetivos principais: criar uma comunidade visando compartilhar conhecimento sobre mídia urbana e produzir projetos artísticos que possam circular em outras cidades. Nós também queremos criar esta infraestrutura de *urban screens* e *media facades* (toolbox: urban screens and media facades) em rede, de modo que, no futuro, muitas iniciativas culturais possam usá-

las de forma sustentável para o desenvolvimento de nossas cidades.

V!8: Como a noção de representar é o tema dessa oitava edição da revista V!RUS (Re:pre:sentar), estamos particularmente interessados em como funciona a conexão entre essas cidades através de mediação artística.

SP: Eu acho que as *media facades* são uma plataforma de comunicação realmente nova para o espaço público. Elas são uma espécie de membrana entre o mundo digital e o espaço urbano físico. Usando essas interfaces tecnológicas, é possível incluir espectadores de espaços públicos em processos artísticos. Por essa via, também é possível criar valores de construção de comunidades, da participação pública e de uma espécie de fórum, ou ágora.

Faz já seis anos que venho trabalhando na área de *urban screens* e *media facades,* e acho extremamente importante investigar o potencial comunicativo desse novo meio. A maioria das *media facades* ou *urban screens* exibe, principalmente, conteúdo comercial. Mas como estão implantadas no espaço público, também devem pertencer a espectadores públicos. Por isso, iniciamos o *Media Facade Festival* (hiperlink: http://www.mediafacades.eu/) como uma espécie de plataforma de experimentação, um campo de experimentação, e geramos novos conteúdos para o espaço público. Em estreita colaboração com artistas, realizamos oficinas e muitos testes de transmissões para aproximar esse novo meio. Fazendo isso, descobrimos que ele tem um enorme potencial para a participação, e que, quando equipadas com tecnologias baseadas na Internet, é possível conectá-las para além das cidades.

A representação é uma noção muito interessante para este meio, porque as *media facade* têm uma enorme visibilidade e enormes equipamentos também, mas nós as usamos de uma forma mais experimental, em uma espécie de processo com os espectadores em espaços públicos. Eu penso que é interessante ter, por um lado, um meio de representação que, por outro lado, é utilizado para a experimentação.

V!8: Como você antevê o uso de *media facades* urbanas de forma mais ampla e mais intensa?

SP: Todo esse campo de *urban media* ou *urban media facade* é um muito novo, como eu disse antes. Ele é principalmente ocupado por publicidade. Então eu acho que a perspectiva, como nós do *Public Art Lab* defendemos, é incluir muitos artistas

e *media designers* para desenvolver novas formas para esse meio. Elas devem ter a possibilidade e o potencial para participar e para incluir o público, para conectar cidades. Também são muito interessantes para a visualização de dados. Esta questão sobre cidades visuais e cidades invisíveis significa que temos, de um lado, uma infraestrutura visível de espaços públicos, como ruas, edifícios, parques, etc., e, por outro lado, uma infraestrutura invisível através das novas tecnologias de informação e comunicação que estão inter-evoluindo umas com as outras, ao mesmo tempo. Eu acho, portanto, que toda essa questão sobre a visualização de dados é interessante, tornando uma informação que é invisível - sobre sentir a cidade - visível nas *media facades* através de cenários artísticos, criando uma espécie de consciência nos espectadores.

V!8: Sabemos que reunir pessoas para ações culturais em locais públicos é muito difícil, e convencê-las a pensar sobre seus ambientes pode ser ainda mais difícil. No contexto do projeto *Connecting Cities*, como você acredita que as *media facades* podem auxiliar nessa tarefa?

SP: Eu acho muito importante criar uma referência local se você trabalha com *media facades*. Você sempre tem que trabalhar considerando as especificidades locais e este é o ponto de partida. As pessoas que passam por esta *media facade* podem ver algo novo no dia seguinte, e assim talvez tomem consciência do lugar onde estão. Isso também pode influenciar sua percepção pessoal. Esta referência local é importante e, é claro, com esta referência local, as pessoas falam sobre o que veem. Fazendo isso, começam a se encontrar, a se comunicar e até mesmo a participar, se se tratar de um projeto interativo ou participativo. Se elas participam, o próximo passo seria voltar novamente, e assim esse começa a se tornar um lugar de comunidades e vizinhanças.